

ARTIGO DE PESQUISA

AGRAVOS A SAÚDE DAS CRIANÇAS DURANTE A SUA PERMANÊNCIA NA CRECHE¹

Manuela Junqueira de Souza¹
Júlia Peres Pinto²

Resumo

Este estudo descritivo teve como objetivo identificar os agravos à saúde apresentados por crianças de um a três anos de idade durante sua permanência numa escola de educação infantil. A coleta de dados foi realizada, em abril de 2003, em uma creche, que possui 65 crianças matriculadas em período integral, pertencente a um Município da Grande São Paulo. Foram registradas 40 intercorrências de saúde, sendo 55% acidentes e 45% outros agravos.

Descritores: Creche. Enfermagem Pediátrica. Saúde da Criança.

Abstract**CHILDREN'S HEALTH IMPAIRMENT DURING THEIR STAY IN A DAYCARE CENTER**

This is a descriptive study aiming to identify health impairment in children with ages ranging from one to three years during their stay in an infantile educational school. Data were collected in April 2003, in a day care center with 65 children enrolled full time, in the state of Sao Paulo. 40 health events occurred, of which 55% accidents and 45% other type of event..

Keywords: Day Care Center. Pediatric Nursing. Child's Health.

Resumen**DANOS A LA SALUD DE LOS NIÑOS DURANTE SU PERMANENCIA EN LA GUARDERÍA INFANTIL**

Este estudio descriptivo tuvo como objetivo identificar los danos a la salud de niños de uno a tres años de edad durante su permanencia en una escuela de educación infantil. La recolección de datos fue cumplida, en abril de 2003, en una guardería infantil de un municipio del Estado de Sao Paulo-Brasil, que tiene 65 niños matriculados en periodo integral. Fueron registradas 40 alteraciones de salud, siendo 55% accidentes y 45% otros danos.

Descriptores: Guardería infantil. Enfermería pediátrica. Salud del niño.

1 Trabalho de conclusão de curso - Graduação em Enfermagem da Universidade do Grande ABC.

2 Enfermeira formada pela Universidade do Grande ABC.

3 Mestre em Enfermagem Docente da Disciplina Enfermagem na Saúde da Criança e do Adolescente.

INTRODUÇÃO

Com a Constituição Brasileira de 1988, a creche passou a ser definida como direito da criança, um dever do Estado e uma opção da família. Foi preciso um movimento histórico para desencadear mudanças significativas na forma de conceber a criança, o modo como ela se desenvolve e as funções da família (OLIVEIRA, 1992).

Desde então, uma parcela considerável da população infantil de quatro meses a seis anos de idade tem freqüentado as creches que representam um recurso social valioso para as famílias e a sociedade. Também denominadas de centros de educação infantil ou escolas de educação infantil, essas instituições permanecem com as crianças por um longo período diário. Veríssimo (2001) afirma que os estudos sobre o tema têm aumentado devido à relevância da creche como contexto onde as crianças crescem e se desenvolvem.

Para Foces (1992), a promoção da saúde e a prevenção da doença são componentes da saúde escolar e estão diretamente relacionadas à vontade política, à infra-estrutura social e à educação em saúde. A educação em saúde com vista à promoção pretende colaborar na capacitação do futuro cidadão para ser agente de transformação, participante dos movimentos que lutam pela prevenção do ambiente e melhoria das condições de vida.

Vários estudos têm demonstrado a importância do treinamento e a necessidade de capacitação dos funcionários de creches nas questões de saúde em função das responsabilidades que exercem junto à criança (PELICIONI, 1997).

Além das atividades de educação à saúde que devem ser desenvolvidas na instituição, sabe-se que as crianças, tanto no ambiente domiciliar quanto no institucional, estão sujeitas aos demais agravos de saúde comuns na infância como acidentes, febre, diarreia, doenças respiratórias, dor de ouvido, entre outros (WONG, 1998). Tais situações necessitam de identificação e intervenção precoce para evitar ou minimizar os danos à saúde da criança, seja na própria creche ou por meio de encaminhamentos junto à família ou serviço de saúde.

Para direcionar o treinamento dos funcionários em relação à saúde da criança, é essencial delimitar a faixa etária com a qual se trabalha e conhecer suas características e

necessidades no que se refere ao seu comportamento e suas suscetibilidades. Portanto, o objetivo deste estudo foi identificar agravos de saúde apresentados pelas crianças no período em que se encontram na creche.

DESCRIÇÃO METODOLÓGICA

Este é um estudo descritivo, realizado numa creche, com denominação atual de Escola Municipal de Ensino Básico, pertencente ao Município de São Bernardo do Campo, região do ABC da Grande São Paulo.

Na escola, há 22 funcionários, uma diretora, três monitores, três professores, três estagiárias de pedagogia, um oficial administrativo, três ajudantes de sala, dois ajudantes de serviços gerais, três merendeiras e três auxiliares de limpeza. Possui quatro salas para atender 65 crianças de um a três anos de idade em período integral.

Os dados foram coletados no mês de abril de 2003, após a autorização da Secretaria de Educação do Município e baseados nos registros efetuados na ficha de intercorrências da instituição que é preenchido, diariamente, pelas professoras e ajudantes de sala responsáveis pelas crianças. O impresso contém as seguintes informações: data, nome da criança, intercorrência, providência, observação, assinatura. Também, consta informações sobre a idade das crianças.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram identificadas 40 intercorrências com as crianças, 22 (55%) foram acidentes e 18 (45%) outros problemas de saúde; 24 (60%) ocorreram em meninos; 19 (47,5%) no segundo ano de vida, 13 (32,5%) no primeiro ano e 8 (20%) no terceiro ano.

Acredita-se que a prevalência no sexo masculino ocorra devido ao maior número de acidentes entre os agravos relatados. Segundo Cortez (2003), o índice de acidentes aumenta nos meninos, pois estes são mais agitados e agressivos do que as meninas.

O segundo e terceiro ano de vida corresponde ao período da infância caracterizado pela aquisição da marcha e pela falta de noção de perigo e consequência dos seus atos. Tal fato contribui para aumentar os riscos de alguns tipos de acidentes relacionados com habilidades motoras e cognitivas (WONG, 1998).

Dos 18 problemas identificados, a febre foi o problema de saúde mais freqüente nas crianças, 10 (55%). As

demais ocorrências observadas foram alergias, 4 (23%), vômito, 2 (11%) e a diarreia, 2 (11%). As funcionárias registraram como febre temperatura corporal acima de 37,5° C e como alergia, erupções cutâneas surgidas durante a permanência da criança na creche. Bonfin, Carvalho e Sugai (2004) descrevem como agravos de saúde comuns em creche todos os relatados neste estudo, exceto as alergias.

A febre, temperatura corporal acima de 37,5° C, é o sintoma mais observado nos atendimento pediátricos, particularmente nas crianças menores de três anos (ABRAMCZYK, 2000). Sua verificação possibilita identificar o surgimento de uma patologia e avaliar o retorno ao estado de saúde (MARQUES, YAMAMOTO, 1985).

A temperatura da criança altera-se com mais rapidez do que a do adulto, principalmente no primeiro ano de vida, e sofre influência do ambiente externo, da atividade física e da ingestão de alimentos e líquidos (GUYTON, 1996). Durante a permanência na creche, esses fatores devem ser considerados para que haja uma correta avaliação do parâmetro vital e se determine a intervenção apropriada ao contexto.

Em estudo sobre morbidade em lactentes atendidos por creche, Cury (1999) identificou que a morbidade mais freqüente foi infecção respiratória aguda, sendo que um terço delas foi acompanhada pela febre.

O segundo agravo mais registrado foi a alergia. Marques; Yamamoto (1985) definem alergia como uma reação adversa e alterada a uma substância ou antígeno estranho, que geralmente não produz qualquer efeito desfavorável no ser humano. Os antígenos penetram no corpo através de ingestão, inalação, penetração transepidermica ou infusão parenteral. Algumas pessoas apresentam predisposição hereditária para o desenvolvimento de alergia e, quanto mais jovem a criança, maior a suscetibilidade ao desenvolvimento de alergias.

Daher e Solé (2000) acrescentam que tem aumentado a prevalência de doenças alérgicas em crianças e adultos jovens, recomendando que crianças com risco de desenvolver alergia retardem a entrada nas creches, pois a maior freqüência de doenças respiratórias nessas instituições podem facilitar sua sensibilização.

Além disso, na creche são vários os fatores, potencialmente, desencadeantes da alergia se não forem obser-

vados cuidados de higiene do ambiente, alimentação e características individuais da criança.

O outro problema identificado foi a diarreia, definida pelo aumento do volume e da freqüência das fezes, e pela diminuição da sua consistência. A diarreia, assim como o vomito, pode estar acompanhada de febre. Ambos tornam-se um problema quando a perda de líquidos e eletrólitos não é controlada, pois pode levar a desidratação (BONFIN, CARVALHO, SUGAI, 2004).

A sua prevalência esta relacionada às más condições econômicas, culturais, higiênicas e de saneamento básico. Alguns desses fatores podem estar presentes na creche, além do contato próximo mantido entre as crianças.

Barros *et al.* (1999) concluem em estudo sobre o perfil de creches que as questões relativas à estrutura física e às práticas de saúde nas creches estão sendo negligenciadas, apesar da legislação contemplar o mínimo de requisitos quanto à segurança do ambiente. A diarreia em criança é um agravo que está diretamente ligado às condições estruturais, de higiene do ambiente e ao conhecimento dos cuidadores sobre suas causas e prevenção.

Cury (1999) conclui que a supervisão de um profissional de nível superior em saúde e o treinamento do pessoal de apoio para o controle das condições de higiene contribuem para a baixa ocorrência de diarreia.

Devido ao agrupamento das crianças na creche, as doenças infectocontagiosas podem proliferar rapidamente. Essas doenças ocorrem durante os primeiros anos de vida, numa época em que a resistência aos agentes infecciosos pode ser baixa, ao mesmo tempo em que aumenta o grau de exposição, em consequência das atividades sociais da criança fora do lar (WONG, 1986).

Segundo as respondentes, todos os responsáveis foram informados do problema ocorrido com a criança durante o expediente ou ao final dele. Em 77,7% dos casos o problema persistiu ou houve queda no estado geral da criança, portanto foi solicitado para que os responsáveis retirassem a criança da creche o mais breve possível. Todos os casos de febre foram medicados conforme receita médica e autorização dos pais.

Em geral, são os educadores que identificam os primeiros sinais de mal-estar e os problemas de saúde mais freqüentes apresentados pelas crianças, baseados

em suas percepções do cotidiano da creche (MARANHÃO, 2000).

CONCLUSÃO

Considerando que as atividades na creche são desenvolvidas de segunda a sexta-feira, os dados registrados, referentes a um mês e 40 intercorrências no período, conclui-se que foi necessário prestar algum tipo de atendimento voltado ao agravamento à saúde da criança, em média duas vezes por dia.

Embora não seja rotina a presença da enfermeira nas equipes da creche, observa-se a necessidade da atuação desse profissional para garantir os cuidados e as informações de saúde aos profissionais das creches. Como profissional voltado para manutenção do crescimento e desenvolvimento da criança, e independente da presença do auxiliar de enfermagem na instituição, a enfermeira deve

realizar atividades que previnam ou minimizem os danos à saúde. Veríssimo e Rezende (2004) ressaltam que a criança precisa ser cuidada dentro da creche, pois o cuidado é uma necessidade para o desenvolvimento e manutenção da sobrevivência do ser humano em todas as culturas.

Maranhão (1999) informa que o enfermeiro tem colaborado na elaboração e implantação de programas de saúde para creches, dos pareceres dos Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Infantil, dos Critérios para Credenciamento de Instituições de Educação Infantil e contribuído no processo de formação em serviço de professores leigos e estudantes de magistério. Porém, ainda percebe a necessidade de pesquisas e estudos que analisam o papel que pode ser desempenhado pelo enfermeiro na creche e reflete sobre a necessidade de revisão da formação deste profissional para que possa continuar atuando nestes serviços.

REFERÊNCIAS

- ABRAMCZYK, M.L. Febre sem sinais localizatórios. In: CARVALHO, E.S.; CARVALHO, W.B.C. **Terapêutica e prática pediátrica**. São Paulo: Atheneu, 2000, Cap. 29, p.113-116.
- BARROS, A.J.; GONÇALVES, E.V.; BORBA, C.R.S.; LORENZATTO, C.S.; MOTTA, D.B.; SILVA, V.R.L. da; SCHIROKY, V.M. Perfil das creches de uma cidade de porte médio do sul do Brasil: operação, cuidado, estrutura física e segurança. **Cad. Saúde Pública**. v.15, n.3, p.28-45, 1999.
- BONFIN, V.F.F.; CARVALHO, C.S.; SUGAI, T.A. Condutas frente a agravos de saúde na creche e pré-escola. In: SANTOS, L.E.S. **Creche e Pré-escola: uma abordagem de saúde**. São Paulo: Artes Médicas, 2004. Cap.15, p.165-177.
- CARVALHO, C. R.; SANTANA, J. S.S. Sistematização da Assistência de Enfermagem em creche: reflexões de uma prática. **Rev. Nursing**, v.3, n.24, p.24, 2000.
- CORTEZ, J.C.A. **Acidentes e seus riscos em creche/pré-escola da cidade de São Paulo**. 2002. 79f. [dissertação] São Paulo (SP): Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo.
- CURY, M.C.F.S. **Evolução nutricional e morbidade em lactentes atendidos por creche diferenciada**. 1999. 71p. Tese [doutorado] São Paulo (SP): Escola Paulista de Medicina/ Universidade Federal de São Paulo.
- DAHER, S.; SOLÉ, D. Prevenção das doenças alérgicas. In: CARVALHO, E.S.; CARVALHO, W.B.C. **Terapêutica e prática pediátrica**. São Paulo: Atheneu; 2000. Cap.112, p.519-522.
- FOCES, E. Uma nova visão de saúde escolar e educação em saúde na escola. **Rev. bras. saúde esc.** n.3, p.19-21, 1992.
- MARANHAO, D. G. Reflexões sobre a participação dos profissionais de enfermagem nas creches. **Acta Paul.Enf.**, v.12, n 2, p. 39-40, 1999.
- MARQUES; YAMOTO. Temperatura corpórea. In: Marcondes, E. **Pediatria básica**. São Paulo: Savier, 1987. v.2, p.1119.
- OLIVEIRA, Z. de M.R; MELLO, N.A.; VITÓRIA, T.; FERREIRA, M.C.R. **Creches: crianças faz de conta e cia**. Rio de Janeiro: Vozes; 1992. p.145. PELICIONI, M.F.C; CANDEIAS, NFM. A creche e as mulheres trabalhadoras no Brasil. **Rev. Bras. Cresc. Desenv. Hum.** v.7, p.79-86, 1997.
- WONG, D.L. **Enfermagem Pediátrica: elementos essenciais à intervenção efetiva**. 5 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1999. 1117p.